MARIA LETÍCIA SOARES DE LIMA

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-01-0.66-69>

“A vida é o que é quando estamos distraídos fazendo outras coisas”

Falar de si não é uma tarefa fácil, escrever sobre minha caminhada até aqui, olhar para trás e perceber que para uns parece pouco, mas cheguei tão longe sem imaginar metade. Então, sem demora, venha cá, conhecer minha história para juntos prosear.

Me chamo Maria Letícia Soares de Lima, tenho dezenove anos de carreira solo nesse mundo, sou a terceira de quatro irmãs, sou filha de Maria do Carmo de Lima e Gilberto Soares de Lima, agricultores que aprenderam com a vida o lado bom e ruim de brincar de viver. Venho do interior de Pernambuco, mas especificamente da zona rural de Salgadinho, e meus pais, pessoas mais importantes e influenciáveis em todas minhas pequenas conquistas até hoje, sempre viram a educação como um ponto chave para as oportunidades.

Desde pequena tive uma vida que não tenho do que reclamar. Meus pais sempre foram os responsáveis por permitir que eu tivesse a educação que tenho, mas não foi na cidade que resido que iniciei meus estudos, foi em Jaboatão dos Guararapes, na escola Henriqueta de Oliveira que iniciei minha formação básica. Como meus pais tinham família em cidades diferentes, tal motivo me permitiu muitas mudanças até meu

quarto ano de Ensino Fundamental e até que por muito mudar, ficamos em Salgadinho até os dias atuais.

Cidadezinha pacata de poucos habitantes, mas que traz muita riqueza de conhecimentos. Costumo dizer que moro onde o vento faz a curva, por ser uma cidade tão escondida, mas foi lá que minha história continuou; pequena cidade que a mim encantou, e foi de verso em verso, que mais uma estrofe se formou, mas e o interesse pelos estudos? Esse só surgiu no Ensino Médio, quando comecei a entender que conhecimento ia além de uma breve leitura, é uma viagem pronta para se aventurar em tempos distintos e cada viagem com um poder incrível.

Ainda no Ensino Médio, vivenciando o protagonismo juvenil que é algo que me encanta, descobri o amor que tenho por escrever, sentimento que cresceu a cada dia que fui percebendo que o que está além das palavras é real. Elas expressam mais do que seus significados possam comportar, e foi a contar disso que começou meu despertar por lecionar, mas ainda era algo bem distante para mim.

Quase no final de 2018 abre o vestibular para IFPE, e como estava à procura de oportunidades, estava fazendo um vestibular atrás do outro. Eu não sabia o que queria como opção de curso superior, mas eu tinha a certeza que não queria a área de exatas, pois eu nunca fui muito próxima da mesma e para ser mais específica, eu sempre dizia que se um dia passasse na faculdade de Química eu não iria cursar, mas mesmo assim me inscrevi e coloquei como última opção de curso. No começo de 2019, como realizei apenas as questões de português e a redação da prova no vestibular, deixei a mercê, até porque eu disse que não iria cursar, caso passasse. Entretanto, o destino apronta uma experiência diferente e bem inusitada, distante do que imaginava, mas distância é apenas um traço do nosso destino e eu consegui ser selecionada no sétimo remanejamento.

A persistência de querer algo a mais me fez desfrutar do desconhecido e iniciar uma longa trajetória de viagem que dura em média três horas, até mais, dependendo do dia. Saio de casa às 15:00 da tarde para pegar duas conduções para chegar em Passira, cidade vizinha a Salgadinho, que tem ônibus direto para Vitória de Santo Antão. Como moro no sítio, acaba se tornando mais difícil, pois ao retornar do IFPE, o carro me deixa na cidade de Salgadinho e a chegada de à meia noite acaba se tornando perigosa.

Divido casa alugada com outras universitárias e pela manhã retorno à minha casa do sítio. Minha vida mudou em todos os sentidos, em todos os fatores e por modificar muita coisa em tão pouco tempo, se adaptar no início foi bem mais complicado que o normal, ainda tendo que lidar com a frustração de entrar em algo tão diferente para mim.

Porém, eu tinha em mim algo bem maior que a frustração, a esperança, que por algum motivo que eu não entenderia naquele momento, me fez estar ali, e assim foram seguindo meus longos dias de universitária, até que ouvi falar sobre o Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL, que é até hoje um dos principais motivos de ter continuado no curso.

Entrei como voluntária na primeira seleção de estudantes de 2019 e com o tempo, a inserção de bolsas para pesquisa e extensão estavam sendo aplicadas a cada estudante e fiquei com uma de pesquisa, que foi um incentivador para começar a protagonizar. Creio que sem a prática não se chega à excelência e foi assim, participando do PDVL, que comecei a me encantar por aquele novo mundo de possibilidades que até então era desconhecido para mim. A datar, fui descobrindo como a Química tem infinitas possibilidades de se inventar e reinventar, é o espectro de cores que traz uma cor nova todos os dias, pois tem sempre o que se descobrir. A curiosidade não é coisa de vizinho, é coisa de químico, pois tudo se indaga e tenta-se solucionar. O PDVL é uma família que me acolheu e me acompanha nessa jornada acadêmica.

No programa, participo de diversos projetos que me induzem a ampliar meus horizontes para a área. Fui comissão organizadora no VI COINTER que ocorreu no Recife, e realizei estudos nos Grupos de Trabalho – GT e a partir desses grupos desenvolvi pesquisa, fiz intervenções juntamente com os demais do programa, podendo ser realizada a vinda de estudantes do Ensino Médio das escolas em que o PDVL atua como extensão. Mostrava-se um pouco da área e dos setores dos Institutos para eles se familiarizarem um pouco com as universidades. Isso tudo me possibilitou uma vasta construção de conhecimentos, ao fazer parte de uma história que traz a oportunidade de transpor os conhecimentos e ao mesmo tempo adquiri-los, possibilitando uma experiência satisfatória de estar no lugar certo e no tempo certo.

Com a vinda de 2020, tudo se tornou mais complicado, mas não menos interessante, e como comecei a ficar sem tempo para me organizar com tantas coisas,

dei uma pausa nos estudos do GT e decidi focar nas disciplinas do curso, pois um dependia do outro para poder acontecer e acabei me desligando superfluamente dos grupos de estudos. Quando me organizei para retornar, veio essa pandemia atual da Covid-19, que veio para mostrar que não importa quem e quanto você tem e é, mas que nas raras exceções, isso não faz a mínima diferença, porque a vida é o que é quando estamos distraídos fazendo outras coisas. Mas a pandemia, mesmo com seus prós e contras, ensina uma coisa nova a cada dia e veio com uma gama de curiosidades em mim. Teve dias em que eu pesquisei; em outros, procrastinei, aprendi e em outros, apenas assisti.

É tempo de mudar sim, de se autoavaliar e se perguntar: é isso que quero? E mais ainda, é isso que não quero? Após tantas mudanças e readaptações, estou me descobrindo no novo mais uma vez e mesmo tarde para o novo, mais uma vez fui na fé, tentei seleção para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e consegui. Mais uma pequena conquista que modifica minha construção. Não era o que eu queria, não foi o que imaginei, mas tem me feito bem até agora.

Mudar nem sempre significa ter errado, e até os dias atuais se me perguntarem o que quero exercer como profissão, ainda estarei em dúvida. Sempre foi uma incógnita para mim, mas com toda certeza eu mudei meu olhar para a Química, para a arte de lecionar e mais ainda, eu não precisei ir além para isso, apenas experimentei viver, pois a vida é um sopro que muda a qualquer esquina.